



Jornalismo e o relato da realidade: um estudo sob o olhar da Metafísica¹

Ivanise H. ANDRADE²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS

Resumo

O Jornalismo tem como uma de suas funções sociais relatar fatos da realidade. Partindo dessa afirmativa, o presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de realidade com base na Semiótica Filosófica de Charles Sanders Peirce. Para ele, a realidade é aquilo que é independente do que possamos pensar que seja. Tem a característica da generalidade, da universalidade, enfim, de terceiridade. Nesse sentido, o Jornalismo não narra “a realidade”, mas sim fatos existentes na realidade, fatos da existência. Existência aqui entendida como uma das categorias da Metafísica, situada entre o Acaso (primeiridade) e a Realidade (terceiridade). A proposta é perceber o que há de fenomenológico, de semiótico e de metafísico no processo de produção de notícias, enquanto relato de fatos.

Palavras-chave: Semiótica; Jornalismo; Realidade

1. Introdução

Na arquitetura filosófica de Peirce, a Filosofia é concebida como parte das ciências teóricas e, dentre essas, das heurísticas (da descoberta). O diagrama das ciências proposto por Peirce divide-se em Fenomenologia, Ciências Normativas e Metafísica. A Fenomenologia ocupa-se do todo da experiência, sem se preocupar se há alguma relação ou não com a realidade. As Ciências Normativas dedicam-se aos fenômenos que levam a determinados fins e se divide em Estética, Ética e Lógica ou Semiótica. A Metafísica, por sua vez, detém-se nas leis que, em última instância, regem o universo. Ocupa-se, por assim dizer, da realidade.

A partir do exposto, a proposta é perceber o que há de fenomenológico, de semiótico e de metafísico no processo de produção de notícias, enquanto relato de fatos da existência. A inquietação surge das falhas de conceituação dos termos utilizados nas teorias jornalísticas. A palavra realidade, por exemplo, é constantemente utilizada na

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestranda em Estudos de Linguagens DLE/UFMS. E-mail: ivanise@terra.com.br



definição do que é notícia, do que é uma reportagem. Diz-se que o Jornalismo tem a função social de mostrar a realidade, de retratar recortes dessa realidade.

É instigante o desafio de debater, à luz das categorias filosóficas estabelecidas por Charles Sanders Peirce, o que vem a ser essa realidade do Jornalismo. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo estudar de que forma os conceitos semióticos de realidade, existência, representação e verdade estão presentes no processo de produção e também nos textos jornalísticos. Como um trabalho introdutório, busca servir de estímulo a outras pesquisas, encabeçadas tanto por semioticistas que se atraem pela Comunicação, como por comunicadores que já tenham percebido as possibilidades de aproximação entre Semiótica e Comunicação.

Como bem colocam Lúcia Santaella e Winfried Nöth (2004), Comunicação e Semiótica são áreas de conhecimento ainda jovens, que têm caráter inter, multi e transdisciplinar e que estão em expansão. “As relações entre a comunicação e semiótica são íntimas. Apesar disso, ambas se distinguem, sem deixarem de se cruzar em pontos nevrálgicos” (SANTAELLA & NÖTH, 2004, p. 07).

Sendo assim, inúmeras são as questões e, sem ter a pretensão de querer responder a todas elas, é preciso um esforço em perpassar pelos conceitos e estabelecer algumas relações entre semiótica e os processos de produção, representação e interpretação dos signos jornalísticos. Por meio da semiótica é possível abrir um leque de possibilidades de interpretações de um signo jornalístico, seja ele uma página de jornal, um site, um blog, uma foto, uma notícia, um título.

A Semiótica dá conta de explicar os signos jornalísticos não apenas como um método de análise, mas como uma ciência capaz de ilustrar o processo de produção de notícias e explicar o caminho trilhado pelo jornalista ao relatar os fatos que existiram, dando a eles sentido de verdade, ideal buscado diariamente pelo Jornalismo. O texto jornalístico, enquanto signo, representa um acontecimento, um fato, um recorte da existência. Esse é seu objeto. O objeto do Jornalismo é a notícia, como afirma Bahia (1990). E nessa lógica, o objeto da notícia é a existência.

2. O real jornalístico

Comumente o Jornalismo é definido como uma disciplina que se encarrega de relatar o real, de contar à sociedade fatos e acontecimentos. Entre os gêneros jornalísticos mais



utilizados estão a notícia e a reportagem. Juarez Bahia considera que “notícia é o modo pelo qual o Jornalismo registra e leva os fatos ao conhecimento do público”. E acrescenta que:

A notícia é a base do jornalismo, seu objeto e seu fim. Através dos meios do jornalismo ou dos meios da comunicação direta ou indireta, a notícia adquire conteúdo e forma, expressão e movimento, significado e dinâmica para fixar ou perenizar um acontecimento, ou para torná-lo acessível a qualquer pessoa. A notícia tem no jornalismo o seu instrumento mais organizado, mais competente, mais ágil e mais eficiente de difusão. O fato de que o jornalismo tem por finalidade primária informar tão amplamente quanto possível dá à notícia uma função tão social quanto a da mídia (BAHIA, 1990, p. 35).

Uma forma mais abrangente de noticiar é por meio da reportagem, que visa fugir da narração simplista do fato em si. É um gênero que estabelece conexões entre os acontecimentos, proporcionando um trabalho informativo e interpretativo maior. Trata-se de um texto jornalístico mais complexo, que oferece meios para que o leitor compreenda seu tempo, as causas e consequências do acontecimento que está sendo narrado, e, segundo Lima (1993), oferece uma visão mais aprofundada da contemporaneidade.

Lima (1993) afirma que a reportagem procura detectar conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los ao tempo. Diz ainda que:

(...) estas são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade do homem contemporâneo (LIMA, 1993, p. 68).

O texto jornalístico, no geral, apreende a história e a reconstrói, influenciando a vida das pessoas e contextualizando fatos. Segundo Lima (1993), a reportagem parte da observação detalhada, possui abordagem multiangular, foge da superficialidade. Sua principal preocupação é com a contemporaneidade, ou seja, em estabelecer relações que pertencem à atualidade, descobrindo o passado que existe no presente. Um fato sempre está relacionado com uma série de contextos e gera inúmeras interpretações.

Pela observação, pode-se fazer o registro de gestos cotidianos, hábitos, maneiras, costumes. Além de observar, o jornalista também tem a liberdade de criar um relacionamento interativo com a fonte, facilitando a construção da reportagem na medida em que estabelece conexões que dão sentido e significado ao todo do texto.



Pode-se dizer que o jornalista relata experiências, tanto as vivenciadas por ele quanto por suas fontes de informação.

Ao jornalista cabe ainda documentar de forma verossímil os fatos que existiram na realidade concreta:

São os conflitos, o teatro da vida, que movimentam o jornalismo. E este teatro é a sociedade, estes conflitos são centrados no homem. A reportagem espelha a vida, espelha o ser em sua relação com o mundo e consigo mesmo. No jornalismo o espaço do relato é real, mas não adianta ser real, verdadeiro, deve parecer real, daí a verossimilhança que a reportagem precisa ter (LIMA, 1993, p. 64).

Para que seja possível relatar o real de maneira verossímil, que se aproxime da verdade o máximo possível, o jornalista precisa “abrir os olhos para um ângulo mais completo da realidade que pretende descrever e propor ao leitor, através da reportagem, uma leitura abrangente dos acontecimentos” (LIMA, 1993, p. 80).

Segundo Lima (1993), a observação é a técnica jornalística mais adequada para o relato de fatos. É por meio dela que se produzem perfis humanos, descrições e diálogos verossímeis. Observar é uma modalidade de captação tal como a entrevista ou a pesquisa. Trata-se de observar ociosamente, sem pressa, é também sentir, perceber, emocionar, utilizar o potencial sensorial do corpo. A observação é o mergulho de cabeça no sensual para recriar e reproduzir os acontecimentos. “Não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença – mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações” (LIMA, 1993). Essa observação é imprescindível ao jornalista no momento de definir qual será o seu olhar sobre o acontecimento a ser narrado.

3. O real semiótico

O Jornalismo normalmente é tido como aquele que relata, conta fatos e acontecimentos da realidade. Porém, entre as Teorias do Jornalismo não há uma preocupação em conceituar o termo “realidade”, utilizado com frequência. Como este trabalho pretende verificar de que forma os conceitos semióticos de realidade, existência, representação e verdade estão presentes no processo de produção e nos textos jornalístico, pergunta-se: o que é realidade?



Para a Metafísica Peirceana, segundo Santaella (1983, p. 29), a realidade ou real é definido como sendo precisamente aquilo que é de modo independente de nossas fantasias.

(...) realidade é aquele modo de ser em virtude do qual a coisa real é como ela é, sem consideração do que qualquer mente ou qualquer coleção definida de mentes possam representá-la ser. (...) O real é aquilo que não é o que eventualmente pensamos dele, mas que permanece não afetado pelo que possamos dele pensar. (CP 5.565 e CP 8.12 *apud* IBRI, 1992:25)

Ivo Ibri (1992) destaca o elemento de segundidade na concepção peirceana de realidade. A segundidade dos objetos reais, enquanto *alter*, trazem o outro como negação para com a liberdade de consciência. Conforme o autor, os objetos não reais não têm força compulsiva para a consciência, ou seja, não têm sentido de reação imediatamente experienciado e que, enquanto *segundo* para a consciência, persiste e insiste contra ela. (IBRI, 1992, p. 25-26)

A noção de alteridade também é apontada por Ibri como condição para que se considere algo verdadeiro. “Não haveria tal coisa chamada verdade a menos que existisse alguma outra coisa que é como é, independentemente de como possamos pensar que seja.” (CP 7.659 *apud* IBRI, 1992, p. 26). O atributo de verdade para a Filosofia deve residir, na visão peirceana, numa forma de adequação da representação a um objeto que lhe é exterior.

Nesse sentido, o Jornalismo trata daquilo que a Metafísica chama de existência, enquanto categoria de segundidade dentro da tríade proposta por Charles Sanders Peirce. O texto jornalístico, nessa perspectiva, é um relato de fatos que existiram. Esses fatos podem ser parte de uma realidade (algo que ocorre continuamente, habitualmente), mas podem ser fatos isolados (que existem uma ou outra vez e não se repetem).

Conforme Ibri, o elemento de segundidade implicado na concepção peirceana de realidade conduz à classe de experiência que a Fenomenologia evidenciou sob esta categoria, ou seja, da experiência de reação contra a consciência. “Quando dizemos que uma coisa ‘existe’ queremos significar que ela reage sobre outras coisas. Evidencia-se que estamos transferindo para ela nossa experiência direta de reação, ao dizermos que uma coisa age sobre outra.” (CP 1.324 *apud* IBRI, 1992, p. 27)

O autor explica que a concepção de *existência* é necessária não mais sobre o ponto de vista fenomenológico, mas sim metafísico, uma vez que perceber a *existência* a partir da



“experiência reveladora de nosso próprio ego por *não ser outro*, é absolutamente desnecessária, uma vez que *vemos que as coisas agem entre si*”. Assim, completa Ibri, a existência traduz-se em uma hipótese explicativa que parte da experiência direta que revela “nosso próprio caráter de individuais” (IBRI, 1992, p. 27).

A existência situa-se na Metafísica, pois lida com a experiência possível, estabelece reações e ligações com outras coisas e é caracterizada por suas oposições binárias, em que cada coisa é por não ser outra. “Nitidamente pode-se afirmar que os objetos da imaginação, nos quais se incluem os objetos matemáticos, artísticos e todo o universo onírico humano, não existem” (IBRI, 1992, p. 28). Assim:

Do traço de alteridade presente na concepção de realidade adotada por Peirce, adentramos, necessariamente, a segunda categoria, na qual se estatui a idéia metafísica de *existência*, que reúne, sob um único conceito, o existir humano a par do existir individual da externalidade (IBRI, 1992, p. 29).

O processo de produção jornalístico envolve elementos que podem ser explicados tanto pela Fenomenologia quanto pela Metafísica e pela Semiótica. Seu caráter fenomenológico reside no fato de que, para relatar acontecimentos que existiram, o jornalista reproduz, em parte ou no todo, experiências sobre esse acontecimento. Seja quando presencia, seja quando ouve relatos de suas fontes de informação. A Fenomenologia, porém, não se interessa em analisar a realidade e sim os fenômenos em geral, sejam eles reais, existentes ou possíveis.

O trabalho jornalístico apresenta seu caráter Metafísico quando se ocupa da existência, isto é, do mundo material, do mundo como exterioridade, como fato, como atualidade. Seu caráter semiótico, por fim, é aquele que lhe permite explicar as experiências: o leitor de um jornal não presenciou o fato, não o experienciou, assim, quando essa existência, enquanto fato, é narrada, é recriada pelo texto jornalístico, o leitor revisita a experiência. Trata-se de uma experiência, podemos dizer, mediada, reinterpretada.

4. Olhares Semióticos

Conforme o exposto, a verdade é alcançada por conta do caráter dual da existência. Ou seja, a verdade é o tipo de interpretação que mais se aproxima da realidade. E é na ação do signo que se trilha esse caminho da realidade à verdade e vice-versa. Para retratar os fatos da existência e fazer o recorte da realidade concreta, o jornalista faz escolhas. Essas escolhas são os seus olhares sobre o fato, que são influenciados pelas suas



experiências e visão de mundo. Isso significa que, mesmo buscando tornar o relato o mais verossímil possível, esse relato sempre vai incluir o seu ponto de vista sobre o que é relatado.

Cada indivíduo é único e possui vários olhares para um mesmo signo. Uma notícia, enquanto signo, carrega em si várias possibilidades de interpretação. Para Santaella (1996, p. 62), os registros do real dependem do ponto de vista do observador, da visão de mundo que sua condição de classe social lhe dá, do enquadramento e angulação escolhidos. Ou seja, ao revelar alguns traços do real, esconde outros.

De acordo com Santaella (1992, p. 188-189), um signo representa algo, mas é determinado por aquilo que ele representa. Além disso, é uma mediação entre o objeto (aquilo que ele representa) e o interpretante (o efeito que ele produz), assim como o interpretante é uma mediação entre o signo e um outro signo futuro. E mais: o signo inclui o objeto e o interpretante e são categorizados na Semiose³ como primeiridade (signo), segundidade (objeto) e terceiridade (interpretante). Enfim, um signo é um signo porque representa algo que não é ele, que é diferente dele. Segundo Peirce, “um signo intenta representar, em parte (ou pelo menos), um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente” (CP 6.347 *apud* SANTAELLA, 1992, p. 189).

Embora sendo seu objetivo final, o Jornalismo não consegue representar o todo do acontecimento. Há inúmeros signos que formam o signo jornalístico “texto”. Há várias faces do fato, do contexto, assim como há inúmeras faces da existência, constituindo, então, inúmeras faces do objeto. Por isso, é possível afirmar que para relatar essas várias faces do acontecimento de forma mais consciente, o jornalista deveria ter conhecimento do que a Fenomenologia de Peirce categoriza como primeiridade, segundidade e terceiridade.

O jornalista, ao olhar um fato, para relatá-lo depois, faz recortes da existência. Esse olhar inclui formas diferentes de interpretação de um mesmo signo (o fato). Pode ser mais qualitativo (quali-signo), mais singular (sin-signo) ou mais simbólico (legi-signo). O olhar mais sensível, no nível do qualitativo, revelaria nuances do fato mais ligadas à categoria de primeiridade.

³ Peirce dá o nome de Semiose aos processos significativos, em que se localiza o que ele chamou de *ação do signo* e que dá base para o entendimento de como, de um modo geral, o pensamento ocorre por meio de signos. É, por fim, o processo contínuo que busca aproximar a representação do objeto.



No entanto, na prática de produção de notícias, o jornalista inicialmente se atém aos fatos, ou seja, à existência, aos signos particulares, singulares, que estão em relação com um objeto da existência, com um objeto real. Em seguida, ao redigir o texto e organizá-lo de forma clara, exata e inteligível, justamente para que se aproxime do que ele considera verdade, analisa o acontecimento com base em conceitos gerais, em hábitos sociais, tendências, senso comum, preconceitos. Enfim, no texto, o redator busca os legi-signos do fato.

5. Semiose

A Semiótica é uma ciência que deve dar conta não só de símbolos, mas de todas as espécies de signos, representações ou mesmo quase-representações, estando sob sua mira diversos tipos de fenômenos. “Mais do que isso, fazem parte dos estudos semióticos todas e quaisquer formas de linguagem, todos os signos de todas as coisas que são muito mais onipresentes do que nossa atenção distraída pode nos levar a imaginar” (SANTAELLA, 1992, p. 132).

Lúcia Santaella faz analogia entre o signo e o funcionamento do espelho, ao explicar que todo signo é, em maior ou menor grau, uma espécie de imagem. “O signo não é apenas um corpo físico que habita a realidade, mas também é capaz de refletir essa realidade de que ele é parte e que está fora dele” (SANTAELLA, 1996, p. 60). E o caráter dual, de alteridade, entre o signo e a realidade que ele representa, está no fato de que o signo, ao refletir a realidade, “transforma, transfigura e, até um certo ponto e numa certa medida, deforma aquilo que ele reflete” (SANTAELLA, 1996, p. 60).

Esse processo é inevitável pelo simples fato de que por mais aproximadamente fiel que o signo possa ser em relação àquilo que ele reflete ou representa, ele não pode ser, em si mesmo, esse outro. Sendo sua função a de representar, o signo só pode expressar, substituir ou, quando muito, apontar para esse outro (SANTAELLA, 1996, p. 60).

Sendo o signo jornalístico uma representação do objeto fato, esse signo também é interpretado pelo leitor de acordo com os processos significativos de Peirce. O objeto fato, ao ser interpretado pelo leitor⁴, não é mais o mesmo. E antes disso, também, o próprio objeto não era o mesmo, já que passou pela interpretação e mediação do jornalista, que imprime no texto os seus olhares sobre o acontecimento.

⁴ Nesse ponto, é importante ressaltar que esse leitor carrega consigo experiências e repertório próprios que devem ser considerados no momento de interpretação do signo jornalístico.



Assim, um mesmo recorte da existência concreta sofrerá semioses diferentes. Primeiramente, em quem relata e conta o fato, ou seja, as fontes do jornalista. Em um segundo momento, quando o jornalista redige o texto com base naquilo que ele selecionou como importante. E, por fim, o leitor significa aquilo que sua mente considera relevante. O que comprova a afirmação de Peirce de que um signo é constantemente interpretado, resignificado, gerando novos signos.

Para entender como a existência é significada, o texto jornalístico precisa de índices, que são signos de fato, para relatar ou mostrar que algo ocorreu ou não ocorreu. Nas páginas dos jornais esses índices são basicamente as fotografias. Nos telejornais, as imagens são índices da realidade relatada.

Nesse sentido, quanto mais apuração, mais informações acumuladas e mais detalhamento traz um texto jornalístico, mais apto ele está para representar os acontecimentos da existência, as fagulhas do mundo real. Um texto jornalístico que possa ser considerado de qualidade seria aquele que melhor representa, e com mais verossimilhança, essas fagulhas da existência da realidade concreta.

Num sentido bem geral, na semiose, o objeto dinâmico⁵ equivaleria à realidade e o interpretante final à verdade. Se fosse possível o signo se desenvolver até o ponto de chegar à realização do limite do seu potencial, teríamos a revelação perfeita do objeto dinâmico, quando haveria uma superposição entre o real e a verdade (SANTAELLA, 1992, p. 191).

Não há, porém, segundo a teoria semiótica de Peirce, um interpretante final absoluto, em consequência, não há uma verdade absoluta. Um conceito, ou um preconceito, um senso comum, demora muito para mudar na sociedade, pois embora não haja verdades absolutas, existem verdades socialmente aceitas por uma grande parcela da sociedade e essas verdades mudam, de acordo com novos contextos e arranjos sociais.

Embora lento, esse processo de alteração de verdades socialmente aceitas, é influenciado, de certo modo, pelo Jornalismo, que se ocupa de relatar e expor os fatos da existência, os recortes da realidade concreta. Seguindo a lógica de Santaella, se a realidade é um objeto dinâmico e se, para este trabalho, o objeto do signo jornalístico é o acontecimento da existência, o Jornalismo, ao criar signos jornalísticos utilizando as técnicas de redação de notícias e reportagens, possibilita ao leitor chegar a um interpretante que tenha o efeito de verdade, que seja, como já foi exposto, verossímil.

⁵ Objeto Dinâmico é aquilo que está fora do signo, determinando-o (SANTAELLA, 1992, p. 191).



6. Considerações Finais

A atividade jornalística pode ser entendida como tendo um “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (ALSINA, 1996, p. 18), ou seja, ao jornalista é delegada a competência para recolher os acontecimentos e temas importantes e atribuir-lhes sentido, firmando, com a sociedade, um “acordo de cavalheiros”, “contrato fiduciário” social e historicamente definido (TRAQUINA, 1993, p. 168; OLIVEIRA, 1996, p. 26).

Pela linha da Semiótica Peirceana, porém, o que o Jornalismo faz é interpretar a realidade e relatar fatos que existiram. As existências são múltiplas, os olhares são múltiplos, seria inocente pensar que não haveria no texto jornalístico, na mensagem emitida pelo redator, múltiplos sentidos, significados e interpretações.

Mesmo com todo o esforço para narrar a existência de modo correto, parcial e que beire à verdade, toda mensagem é polissêmica, ou seja, tem vários sentidos e significados. Todos os signos são interpretados de maneiras diferentes por cada pessoa. O modo de representar e interpretar o mundo são múltiplos.

A polissemia depende tanto do modo como a mensagem é organizada quanto do repertório de quem a recebe. Mas o trabalho do jornalista é tentar ser unívoco, ou seja, estruturar seu texto de tal forma que sentidos e significados da informação sejam bem compreendidos pelo leitor. No entanto, o pensamento unívoco, a objetividade e a parcialidade absolutas, embora muito almejadas pelo Jornalismo, não existem.

7. Bibliografia

ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

IBRI, I. A. **Kósmos Noétos: A arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1993.



OLIVEIRA, V. C. **Os moinhos de papel:** um estudo sobre a narrativa jornalística, o repórter e a cidadania na imprensa belohorizontina. São Paulo: ECA/USP, 1996 (tese de doutorado).

SANTAELLA, L. **A assinatura das coisas:** Peirce e a Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, L. **Cultura das Mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Comunicação & Semiótica.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

TRAQUINA, N. As notícias. IN: _____ (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.